ORGANIZAÇÃO DE UM GRUPO DE PSICOTERAPIA PARA ENLUTADOS NA CLÍNICA-ESCOLA SOB A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rúbia Mara Drumond Pina
Discente de Psicologia – Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)
E-mail: psi.rubiapina@gmail.com

Profª Ma. Juliana Batista Fitaroni
Supervisora do Estágio Específico I e II – Políticas de Saúde
juliana.fitaroni@univag.edu.br

Profª Aline Mercedes Fonseca Ramminger
Supervisora de Campo e Coordenadora Clínica do Serviço Integrado de Psicologia
aline.ramminger@univag.edu.br

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de organização de um grupo de psicoterapia para pessoas enlutadas, desenvolvido no Estágio Específico em Políticas de Saúde I, na área da Psicologia Clínica, fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), no Serviço Integrado de Psicologia (SIP) do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG) – Sede. A proposta foi construída ao longo da graduação, a partir das experiências vividas nos estágios e da percepção de que o luto aparece com frequência nas manifestações de sofrimento psíquico, embora ainda encontre pouco espaço institucionalizado de escuta, elaboração e cuidado psicológico.

Ao longo da formação, tornou-se possível perceber a dificuldade que muitas pessoas apresentam ao abordar temas relacionados à perda, à morte e ao luto. Embora a morte seja uma realidade universalmente reconhecida, observa-se que ela permanece pouco sustentada como tema de diálogo e reflexão no cotidiano social. Com o avanço das leituras, das inquietações pessoais e da aproximação com a prática clínica, essa temática passou a ganhar maior centralidade na compreensão do sofrimento humano, evidenciando que o luto atravessa a vida das pessoas e, frequentemente, é vivido de forma silenciosa e solitária.

Keinert et al. (2010) apontam que compreender o luto também exige considerar as transformações históricas na relação da sociedade com a morte. No início do século XX, a morte fazia parte do cotidiano doméstico: as pessoas morriam e eram veladas em casa,

ISBN: 978-85-88900-14-1

integrando-se à dinâmica familiar e comunitária. Com o passar do tempo, esse processo foi progressivamente deslocado para o ambiente hospitalar, dentro de uma lógica marcada pela medicalização e pelo distanciamento da experiência do morrer. Durante muito tempo, esse movimento contribuiu para que a morte se tornasse um tema silenciado e tratado como tabu.

Mais recentemente, observa-se um movimento de retomada dessa discussão, com maior valorização de um processo de morrer mais digno e humanizado, o que também repercute na forma como o luto pode ser compreendido e acolhido na contemporaneidade.

A aproximação com essa temática também se relaciona com experiências pessoais e formativas vividas ao longo da graduação. Situações familiares relacionadas ao luto e à finitude tornaram evidente a dificuldade que muitas famílias enfrentam ao falar abertamente sobre a morte. Em diversas ocasiões, foi possível observar uma postura de evitação coletiva, como se nomear a realidade da perda significasse antecipar ou tornar mais concreta uma experiência dolorosa. Essa vivência reforçou o quanto a morte, o morrer e o luto continuam atravessados por silêncios e dificuldades de elaboração, mesmo quando já estão presentes na experiência familiar (Keinert et al., 2010).

As experiências de estágio também contribuíram para essa compreensão. No período do estágio de triagem clínica, fundamentado na ACP, foi possível atender uma pessoa em processo de luto que apresentava grande dificuldade em lidar com a perda vivida. Esse atendimento evidenciou o quanto o sofrimento relacionado ao luto exige presença, escuta qualificada e tempo de elaboração. Posteriormente, no estágio em Psicologia Hospitalar, essa percepção se ampliou. O contexto hospitalar mostrou que o luto atravessa não apenas pacientes e familiares, mas também profissionais de saúde, frequentemente preparados para salvar vidas, mas nem sempre para sustentar emocionalmente a perda de um paciente.

Ao longo desse percurso formativo, tornou-se cada vez mais evidente que o luto precisa ser reconhecido como uma demanda legítima de cuidado psicológico. Ao mesmo tempo, também se apresentou uma realidade concreta do serviço: alta demanda por atendimento psicológico e número limitado de profissionais para atendê-la.

Diante desse cenário, a psicoterapia de grupo passou a ser pensada como uma

ISBN: 978-85-88900-14-1

possibilidade real de cuidado. Não como substituição do atendimento individual, mas como um dispositivo clínico possível, ético e necessário, especialmente em contextos de grande demanda e recursos humanos limitados.

Quando a proposta começou a ser estruturada, foi prontamente acolhida pela coordenadora da clínica, Prof.ª Aline Ramminger, e pela supervisora de estágio, Prof.ª Juliana Fitaroni. Esse acolhimento foi decisivo para que a ideia pudesse sair do campo das inquietações e ganhar forma como projeto clínico.

A partir disso, iniciou-se o processo de organização da proposta e definição das estratégias de captação de participantes para o grupo. Inicialmente, pensou-se em uma demanda proveniente da própria clínica-escola, especialmente das áreas em que o sofrimento relacionado ao luto aparecia com maior frequência, além de pessoas que procuravam atendimento individual trazendo essa questão como central.

Assim, o público-alvo foi definido como pessoas em processo de luto, e a proposta foi organizada como grupo de psicoterapia. A divulgação foi planejada para a primeira quinzena de março, com o objetivo de realizar as triagens ao final do mês e iniciar o grupo em seguida. A divulgação foi realizada com apoio da coordenação da clínica-escola e também por meio das redes sociais, buscando ampliar o alcance da proposta.

Do ponto de vista teórico, a proposta foi organizada a partir dos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa. Rogers (2017) afirma que a mudança terapêutica ocorre com maior probabilidade quando a relação terapêutica é atravessada por empatia, congruência e consideração positiva incondicional. No contexto do luto, essa perspectiva mostrou-se especialmente pertinente, uma vez que a experiência de perda não pode ser compreendida como um processo linear ou universal. Na perspectiva centrada na pessoa, o cuidado psicológico exige confiança na experiência vivida pelo cliente e respeito ao seu ritmo singular de elaboração (Rogers, 2017).

No trabalho com grupos, Rogers (2002) destaca que a experiência grupal pode favorecer encontros autênticos, compartilhamento de experiências e reconhecimento mútuo entre participantes. Assim, o grupo não foi pensado como um espaço para ensinar alguém a "superar" o luto, mas como um ambiente em que a perda pudesse ser narrada e reconhecida, permitindo que o sofrimento não precisasse ser sustentado de forma solitária (Rogers, 1983).

ISBN: 978-85-88900-14-1

A organização da proposta exigiu a definição de público-alvo, critérios de inclusão e exclusão, estratégias de divulgação, triagem e possíveis encaminhamentos clínicos. Ao todo, foram realizadas 20 inscrições para participação no grupo. Dessas, três eram de pessoas menores de idade, incluídas nos critérios de exclusão previamente definidos.

A etapa de triagem revelou-se um dos momentos mais importantes e também mais desafiadores do processo. Na clínica-escola, a triagem constitui um primeiro momento de acolhimento ao cliente, no qual é possível escutar inicialmente a demanda apresentada e realizar a coleta de informações necessárias para o registro no prontuário psicológico. Esse momento também permite compreender de forma preliminar as necessidades emocionais da pessoa atendida, possibilitando avaliar se a psicoterapia de grupo é adequada para sua situação ou se outro encaminhamento clínico seria mais indicado.

Durante essa etapa, diversas pessoas se inscreveram, confirmaram presença e agendaram horário para atendimento no SIP, mas não compareceram às entrevistas de triagem nem deram retorno posterior. Esse processo exigiu deslocamentos frequentes ao serviço e realização de triagens em diferentes dias. Em algumas ocasiões, apenas uma pessoa comparecia ao atendimento agendado; em outras, todas as pessoas previamente marcadas faltaram.

Essas situações trouxeram frustração, desgaste e a necessidade de sustentar a proposta mesmo quando os resultados concretos pareciam menores do que a procura inicial indicava. Também se tornou evidente que falar sobre a perda e se colocar diante de um espaço terapêutico grupal pode mobilizar angústias intensas.

Outro aspecto observado foi o desconhecimento da comunidade sobre o funcionamento da psicoterapia de grupo. Em muitos casos, o cuidado psicológico ainda é associado exclusivamente ao atendimento individual. Entretanto, em contextos de alta demanda e poucos profissionais disponíveis, pensar a psicoterapia de grupo não significa oferecer um cuidado reduzido, mas construir uma alternativa clínica possível e eticamente fundamentada. Na Abordagem Centrada na Pessoa, a qualidade da relação é central no processo terapêutico e pode ser construída também no contexto grupal, desde que exista um clima de aceitação, escuta e autenticidade (Rogers, 1983).

Ao final do processo de triagem, seis pessoas compareceram. Dentre elas, uma foi encaminhada para psicoterapia individual, e o grupo iniciou suas atividades com quatro

ISBN: 978-85-88900-14-1

participantes. Esse momento representou a concretização de uma proposta construída a partir de uma demanda real e do desejo de oferecer um espaço de cuidado psicológico para pessoas em processo de luto.

A experiência de organização desse grupo evidenciou que, embora exista sofrimento relacionado ao luto e procura por cuidado psicológico, também há dificuldades de adesão, desconhecimento da população sobre a psicoterapia de grupo e desafios práticos envolvidos na implementação de propostas dessa natureza.

Mesmo diante dessas dificuldades, foi possível estruturar o projeto e dar início ao grupo de psicoterapia. Este relato concentra-se no processo de organização da proposta e nas reflexões decorrentes dessa experiência inicial. Em etapa posterior, pretende-se aprofundar a análise do desenvolvimento do grupo e das experiências clínicas que emergirem ao longo de seu acompanhamento.

Palavras-chave: Elaboração da perda; Carl Rogers; Processo grupal; Prática clínica.

ISBN: 978-85-88900-14-1

REFERÊNCIAS:

KEINERT, et al. Morrer faz parte da vida: o direito à morte digna. **Boletim do Instituto de Saúde-BIS**, v. 12, n. 3, p. 260-267, 2010.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser.** São Paulo: EPU, 1983. p. 37-51.

ROGERS, Carl R. **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

ISBN: 978-85-88900-14-1